

Documentação

Fonte: CESP (Agrícola)

Data: 12/12/2001 Pg 64, 5

Class.: 32

REPORTAGEM DE CAPA

Alta tecnologia no plantio de arroz em Roraima

Fotos de J. Pavani/Divulgação

GPS e nivelamento das várzeas por laser, além de boas variedades, resultam em ótima produtividade

BETE MELO

Terceiro maior produtor de arroz da Amazônia Ocidental, Roraima deverá colher 80 mil toneladas na safra 2001/2002, ante 59 mil toneladas em 2000/2001, um crescimento superior a 30%. Esses números são muito pequenos se comparados à produção nacional, que deverá superar 10,9 milhões de toneladas, das quais 5,4 milhões serão colhidas pelo Rio Grande do Sul, o maior produtor nacional do grão e responsável por 45% do abastecimento nacional. Mas se levarmos em conta a situação das lavouras de arroz de Roraima há uma década, houve um salto qualitativo e quantitativo, em produção e produtividade. Tanto é que 20% do arroz roraimense abastece todo o Estado e 80% do excedente é exportado para Manaus (AM) e Santarém (PA).

Desde que começaram a cultivar o arroz irrigado, há 24 anos, os rizicultores de Roraima – a maioria de origem sulista, já que muitos gaúchos, catarinenses e paranaenses com experiência no cultivo migraram para o Norte em busca de mais terras e melhores condições para crescer – mudaram o perfil da lavoura e acabaram de vez com o problema da sazonalidade, comum no cultivo de arroz de terras altas ou de sequeiro. Hoje, contam com muitas horas de sol e fartura de água para produzir arroz irrigado o ano todo.

Produtividade – Mesmo com uma produção ainda tímida em relação aos principais Estados da Amazônia Legal, como o Pará (o maior produtor de arroz da região, com 577,7 mil toneladas na safra passada), e Rondônia (o segundo maior produtor, com 167 mil toneladas), em termos tecnologia e de produtividade Roraima nada fica a dever aos campeões de produtividade. “O arroz é um dos produtos básicos da economia do Estado”, afirma o presidente da Associação dos Produtores de Arroz de Roraima (Apar), Paulo

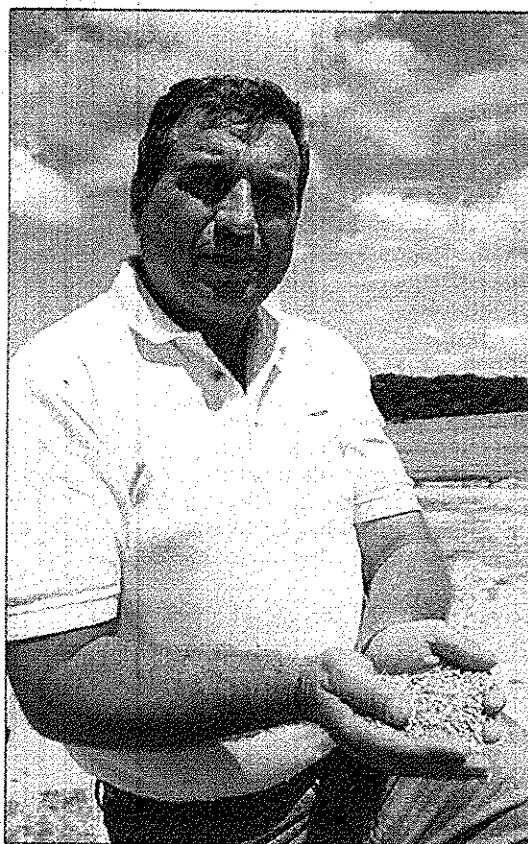


Máquinas fazem a colheita da lavoura de Quartiero, presidente da Associação dos Produtores de Arroz de Roraima e produtor da marca Acostumado. Ele observa, de cima do caminhão, o trabalho dos empregados.

Cesar Quartiero, produtor de arroz da marca Acostumado.

O rendimento por hectare tem aumentado ano a ano. Para ter-se idéia, na safra atual os rizicultores roraimenses vão colher mais por hectare do que os produtores do Rio Grande do Sul. De acordo com Quartiero, a média de produtividade do Estado é de 6.500 quilos por hectare, ante 5.400 do Rio Grande do Sul e 3.100 do Brasil. “Também produzimos um arroz de qualidade, comparado a marcas fortes, como Tio João e Camil, que abastecem Rio Grande do Sul e São Paulo.”

“Os produtores de arroz caminham com as suas próprias pernas, não contam com nenhum incentivo do governo”, diz o prestador de serviços de aviação agrícola e fornecedor



de insumos Dirceu Spies. É um dos poucos setores privados que trazem divisas para o Estado.

Segundo ele, mesmo tendo um dos custos de produção mais caros do Brasil, o arroz é economicamente viável em Roraima. “O Estado fica longe dos fornecedores de insumos,



que chegam bastante caros.” Todo o arroz roraimense é produzido a partir de sementes desenvolvidas pela Embrapa, entre elas a BR Irga 409 e a Taim, ambas com ciclo médio de 120 dias. “A tecnologia também é do Rio Grande do Sul”, explica o presidente da Apar. Segundo ele, o setor produz 3.500 empregos e tem potencial para suprir o consumo de 4 milhões de pessoas na Amazônia Ocidental. “Temos, também, condições de triplicar a produção.”

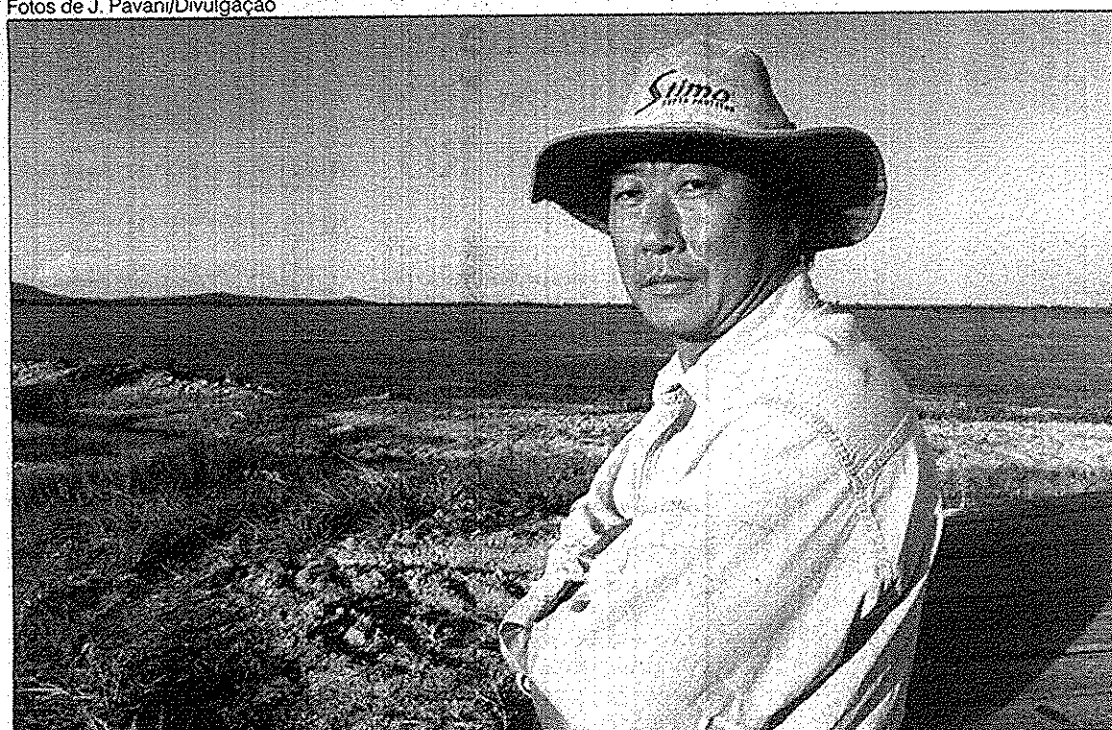
Grandes produtores – Segundo a Apar, o cultivo arroz do Estado está nas mãos de 12 produtores, com área média de 1.000 hectares/ano. “O sistema de cultivo é totalmente mecanizado e altamente tecnificado”, diz

Spies, acrescentando que os produtores utilizam GPS para fazer tratamentos culturais e sistemas de laser de última geração para fazer o nivelamento das terras.

O cultivo, no total de 12 mil hectares, ocorre no centro-norte do Estado, junto às várzeas dos Rios Branco, Uraricoera, Surumu e Tacutu, principalmente. O custo de produção, segundo estimativa da associação, é de R\$ 2.100,00 por hectare, para uma receita de R\$ 2.500,00 por hectare, o que significa uma receita líquida de R\$ 400,00 por hectare. “Apenas 5% dos produtores têm financiamento em banco; 95% têm recursos próprios”, conta Quartiero.

REPORTAGEM DE CAPA

Fotos de J. Pavani/Divulgação



O paranaense Itikawa planta arroz desde 1993 e hoje produz até 7 mil quilos/hectare

Clima favorável e muita água garantem três safras por ano

Maior parte dos produtores veio do Sul para aproveitar as boas condições de RR

Ao contrário de Santa Catarina, cujos produtores de arroz são pequenos, e do Rio Grande do Sul, que são de porte médio, os rizicultores de Roraima são todos de grande porte, com propriedades que variam de 300 a 3.000 hectares. Os maiores são Genor Faccio, da marca de arroz Faccio, e Paulo Cesar Quartiero, da marca Acostumado, cada um com 3.000 hectares. Outra característica das lavouras da região é que elas são cultivadas por produtores da Região Sul. O paranaense de Umuarama, o agrônomo Nelson Itikawa, da Fazenda Carnaúba, é um deles.

Com a propriedade às margens do Rio Surumu e banhada pelos Rios Tacutu e Uraricoera, ele chegou a Boa Vista, capital de Roraima, há 20 anos. Começou a plantar arroz em 1993 e hoje alcança produtividade de 6.500 a 7 mil quilos/hectare. "Aqui tenho tudo o que preciso: clima seco e luminosidade, que resultam em maior produtividade", diz. "Também tenho água farta." Os três rios que ba-

nham a fazenda formam o Rio Branco, afluente do Negro. "Graças a essas condições tiro até três safras por ano."

Itikawa conta com o trabalho de 30 pessoas. Ele faz o plantio de agosto a janeiro e de fevereiro a março. "Só não planto em junho e julho, por causa das chuvas." As sementes vêm do Rio Grande do Sul, com ciclo de 110 dias, que, no Sul, têm ciclo de 120 dias, por causa do clima. "Em compensação, temos um dos custos de transporte e de manutenção de máquinas mais caros do Brasil." Os custos mais altos, porém, são das sementes e dos defensivos, que vêm de São Paulo, e de fertilizantes, da Venezuela. "Convivemos com as mesmas doenças que atingem os arrozais do Sul, como bruzone e mancha parda, além de pragas como lagarta, percevejo e cigarrinha."

Reserva indígena - Os campos de arroz de Roraima estendem-se da foz do Rio Surumu até a Raposa da Serra - Sol, uma área que está sendo pretendida como reserva in-

dígena. Segundo o prestador de serviços de aviação agrícola e fornecedor de insumos aos produtores, Dirceu Spies, a população do Centro-Sul do Brasil tem uma imagem distorcida do produtor rural do Norte. "Muitos acreditam que o produtor rural é destruidor da natureza e do índio, mas isso não é verdade", afirma.

Para mostrar que tudo não passa de impressão, ele diz que os rizicultores mantêm

convênio com a Embrapa e as comunidades indígenas adjacentes às lavouras de arroz para o plantio de mandioca. Os produtores fornecem os insumos e fazem o plantio e a Embrapa dá assis-

tência técnica. "Os resultados têm sido muito positivos, afinal a farinha, um produto caro na região, é a base da alimentação dos índios." Ele também garante que os produtores respeitam a ecologia. "Não arrancamos nem uma árvore sequer", diz, acrescentando que foi criado um ecossistema que aumentou o número de animais silvestres ao redor das lavouras. "Fertilizamos o solo, irrigamos as culturas, criamos um microclima." (B.M.)

T RÊS RIOS
 BANHAM
 UMA DAS
 FAZENDAS

Produção de arroz no Brasil está em declínio

O governo tem de importar o cereal para atender à demanda que supera a produção

Das estimativas da Associação Brasileira da Cadeia Produtiva do Arroz (Abrarroz), o Brasil deverá produzir 10.905 mil toneladas de arroz na safra atual, ante 11.423 mil toneladas na safra anterior. Segundo o consultor José Vicente Ferraz, da FNP Consultoria, o pico de produção, de 11.582 mil toneladas, ocorreu em 1998/1999. "Desde então, a produção começou a cair e o setor passou a ajustar-se, procurando equilibrar a oferta e a demanda", explica.

O Brasil precisa importar arroz para atender a demanda interna, que é de 11.700 mil toneladas do produto, um dos principais alimentos básicos consumidos no País, responsável por 12% das proteínas e 18% das calorias da dieta básica da população. O consumo per capita brasileiro alcançou o seu índice máximo em 1991: 76,3 quilos/ano e atualmente é de 74 quilos/ano, bem

superior à média mundial, que é de 64,7 quilos.

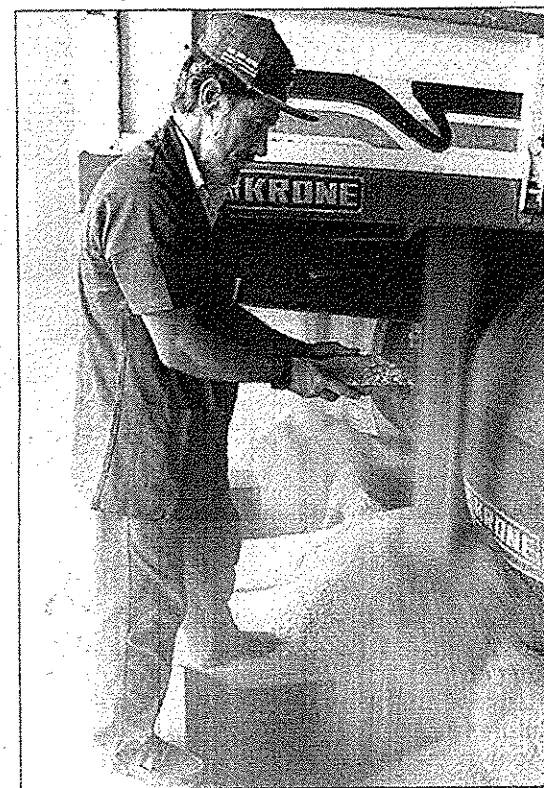
Maior produtor - O agronegócio do arroz no Rio Grande do Sul, maior produtor brasileiro do grão, envolve o plantio de 937 mil hectares, num total de 123 municípios e 12 mil produtores, 422 agroindústrias beneficiadoras, 250 mil empregos. Com apenas 26% da área cultivada, o Estado produziu, no ano passado, 45% do arroz consumido no País.

A produtividade do arroz gaúcho tem crescido bastante. Para se ter uma idéia do crescimento, Ferraz afirma que no período de

1980 a 1989 os gaúchos produziam 4.600 quilos por hectare. Na década de 90 este número saltou para 5.064 quilos/hectare e hoje alcança 5,4 mil quilos/hectare. "Houve um aumento muito grande em produ-

tividade, principalmente se compararmos com a média nacional, que é de 3.100 quilos por hectare." No entanto, os técnicos do Instituto Rio Grandense do Arroz (Irga) garantem que o Estado poderia ter safras bem mais abundantes, uma vez que os produtores não utilizam a tecnologia recomendada para a lavoura. (B.M.)

G AÚCHOS
 PLANTAM
 952 MIL
 HECTARES



O arroz faz parte da alimentação básica do brasileiro e seu consumo per capita é de 74 quilos/ano, ante a média mundial de 64,7 quilos/ano